



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

THAÍS RODRIGUES ASSIS

**INTERFACES ENTRE LITERATURA E SOCIEDADE NOS CONTOS
*LINDA, UMA HISTÓRIA TERRÍVEL E DAMA DA NOITE EM OS
DRAGÕES NÃO CONHECEM O PARAÍSO, DE CAIO FERNANDO DE
ABREU***

**Cassilândia/MS
2015**

THAÍS RODRIGUES ASSIS

**INTERFACES ENTRE LITERATURA E SOCIEDADE NOS CONTOS
*LINDA, UMA HISTÓRIA TERRÍVEL E DAMA DA NOITE EM OS
DRAGÕES NÃO CONHECEM O PARAÍSO, DE CAIO DE FERNANDO
DE ABREU***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul – Unidade de
Cassilândia, como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciado em
Letras – Habilitação Português/Inglês.

Orientador: Prof. Msc. Édila de Cássia
Souza Santana

**Cassilândia/MS
Novembro/2015**

ASSIS, Thaís Rodrigues. Interfaces entre literatura e sociedade nos contos *Linda, Uma História Terrível e Dama da Noite em Os Dragões Não Conhecem o Paraíso* de Caio Fernando de Abreu. 2015.

26f.: 21 x 29,7 cm

Orientador: Prof. MSc. Édila de Cássia Souza Santana

TCC - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Cassilândia. Curso: Letras – Habilitação Português/Inglês.

1. Identidade. 2. Literatura Comparada. 3. Literatura e sociedade

Código de área CNPQ:

CDD:

THAÍS RODRIGUES ASSIS

INTERFACES ENTRE LITERATURA E SOCIEDADE NOS CONTOS *LINDA, UMA HISTÓRIA TERRÍVEL E DAMA DA NOITE* EM *OS DRAGÕES NÃO CONHECEM O PARAÍSO* DE CAIO FERNANDO DE ABREU

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras
Habilitação Português/Inglês.

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. MSc. Édila de Cássia Souza Santana
Presidente

Prof. MSc. Kelly Beatriz do Prado
1^ª Arguidora

Prof. MSc. Sandro Pontes Pereira
2^ª Arguidor

Cassilândia/MS
2015

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que me deu força e sabedoria, e também aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Professora e orientadora Msc. Édila de Cássia Souza Santana, que acreditou em mim e no meu trabalho, agradeço pelas suas correções, incentivo, força e dedicação.

Aos professores Gilson Vedoin e Kelly Beatriz do Prado, por contribuírem decisivamente para minha formação pessoal e intelectual.

À minha família pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

A minha amiga Lucelaine Souza Boldrin, que esteve ao meu lado nos bons e maus momentos, juntas choramos e sorrimos.

E a todos que direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra.
Caio Fernando Abreu

ASSIS, Thaís Rodrigues. Interfaces entre literatura e sociedade nos contos *Linda, Uma História Terrível e Dama da Noite* em *Os Dragões Não Conhecem o Paraíso* de Caio Fernando de Abreu. 2015. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso: Letras – Habilitação Português/Inglês. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Cassilândia.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as interfaces entre Literatura e Sociedade nos contos *Linda, uma história terrível* e *Dama da Noite* do escritor Caio Fernando de Abreu, ambos publicados em 1988 no livro *Os Dragões Não Conhecem o Paraíso*. As narrativas permitem a discussão de assuntos relacionados aos contexto social em que foi produzido, como repressão da Ditadura Militar, a década de 80 e os problemas relacionados ao homossexualismo e a AIDS. Dessa forma, embasados pelos estudos de Antônio Cândido (1989) sobre a relação literatura e sociedade, Stuart Hall (2006) e Baumam (2005) sobre a identidade do sujeito na modernidade, constata-se que a relação existente entre literatura e sociedade é fecunda, uma vez que essa relação permite analisar o perfil do homem diante da problemática social em que se insere.

Palavras-chave: Identidade; Literatura Comparada; Literatura; Sociedade;

ASSIS, Thaís Rodrigues. Interfaces between literature and society in *Linda tales, A Terrible Story and Lady of the Night* in *Os Dragões Não Conhecem o Paraíso* by Caio Fernando de Abreu. 2015. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso: Letras – Habilitação Português/Inglês. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Cassilândia.

ABSTRACT

This study aims to analyze the interfaces between literature and society in *Linda, uma história terrível* and *Dama da Noite* tales by the writer Caio Fernando de Abreu both published in 1988 in the book *Os Dragões Não Conhecem o Paraíso*. The narratives allow us to discuss issues about the social context in which it was produced as the repression of the Military Dictatorship, the 80s decade and the problems related to homosexuality and AIDS. Thus grounded by Antonio Candido (1989) studies about the relationship between literature and society, Stuart Hall (2006) and Bauman (2005) about the identity of the subject in modernity, it appears that the relationship between the literature and society is fruitful since it allows us to analyze the man's profile on social problematic in which it operates.

Keywords: Identity; Comparative Literature; Literature; Society;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1.LITERATURA E SOCIEDADE.....	12
2.A NEGATIVIDADE E A DISTORÇÃO DAS IDENTIDADES EM <i>LINDA, UMA HISTÓRIA TERRÍVEL</i> E <i>DAMA DA NOITE</i>	16
2.1 A DAMA E SEUS CONFLITOS.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26

INTRODUÇÃO

A relação existente entre literatura e sociedade é uma relação fecunda no que se trata da possibilidade de leituras da sociedade, de forma a compreender melhor os diversos fatores implicados na constituição do sujeito em sua performance social.

Dessa forma, analisamos neste trabalho os contos *Linda, uma história terrível* e *Dama da Noite* do escritor Caio Fernando de Abreu, ambos publicados em 1988 no livro *Os Dragões Não Conhecem o Paraíso*, com ênfase na abordagem social presente e na sua articulação.

No primeiro capítulo articulamos a relação literatura e sociedade através dos estudos de Antonio Candido (2002) no que se refere a relação literatura e sociedade e de Stuart Hall (2006) e Bauman (2005) no que se refere a noção de identidade. De forma a mostrar como acontece a interface entre a literatura e sociedade, e principalmente o texto literário como propiciador de reflexões.

No segundo capítulo, o foco foi a análise dos contos *Linda, uma história terrível* e *Dama da Noite*, de forma analisar os fatos e a forma com que o autor conduziu as narrativas e as reflexões suscitadas nesse contexto, em que os sujeitos representados se encontram inseridos em uma problemática social complexa em que se tornam vítimas.

Dessa forma, o trabalho analisa as interfaces entre literatura e sociedade presente nos contos em questão, de forma a ressaltar a abordagem social implicada na representação do sujeito no seu tempo.

CAPÍTULO I

1. LITERATURA E SOCIEDADE

A relação entre literatura e sociedade tem sido motivos de intensos diálogos, no que consta a possibilidade da aproximação entre a literatura e a sociologia, em que a última tem como matéria a sociedade. Esses diálogos são mediados pela forma com que o texto literário cada vez mais contempla o universo social e suas implicações na vida dos sujeitos.

Essa relação permite que os aspectos sociais, bem como o fator político, cultural e religioso podem influenciar na produção de uma obra, dado o seu contexto e a sua significação. Como exemplo, entre muitos outros, temos a ficção de alguns escritores entre os que tiveram seus livros censurados pela Ditadura Militar, no período de 1964-1985 ou não, que durante esse tempo abordou em suas narrativas os problemas sociais e políticos.

A forma de escrever dos escritores, de representar a realidade social e política brasileira para a ficção de seus livros constitui nessa relação literatura e sociedade, uma vez que a sociedade, com toda a sua complexidade e constituintes, é representada na ficção. De acordo com Antônio Candido, grande estudioso sobre a relação literatura e sociedade no Brasil: “Com efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais”. (CANDIDO,2002, p.20).

A obra de um escritor varia de acordo com o período, contexto de produção, visto a sua ligação com os registros da época que o autor viveu e escreveu. Os aspectos sociais, políticos e culturais são representados de acordo com o conhecimento de mundo e através dela que o autor coloca a sua visão que será reavaliada pelos diversos leitores de épocas diferentes e pontos de vista também.

Antonio Candido (1987) no texto *A Educação pela noite e outros ensaios*, cita a ideia de Lima Barreto, jornalista e escritor brasileiro, quando este afirma que a literatura devia ter alguns requisitos indispensáveis. Antes de mais nada, ser sincera, isto é, transmitir diretamente o sentimento e as ideias do escritor, da maneira mais clara e simples possível. Devia também dar destaque aos problemas humanos em geral e aos sociais em particular, focalizando os que são fermento de drama, desajustamento, incompreensão. Isto porque no seu modo de entender, ela tem a missão de contribuir para libertar o homem e melhorar a sua convivência.

Tal abordagem permite afirmar que a literatura como representação da realidade é a suma representação da sociedade. Tal representação promove o homem e seus dilemas,

conflitos, dando margem a sua libertação e possibilidade de melhor se adequar na sociedade. Ao representar homens como os problemas sociais que o dilaceram, como a pobreza, a violência, o preconceito e a hipocrisia, representa a sociedade, sobretudo a sua organização defeituosa. Em todos estes casos, o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e seu efeito sobre nós. (CANDIDO, 2002, p.25)

Porém, a relação entre literatura e sociedade deve ser abordada de forma que o valor e o significado da obra literária não seja visto como dependente e, portanto, válida somente quando dela exprimir aspecto da realidade. Candido faz essa observação:

De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão. Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 2002, p.13-14)

E como se a obra literária só mostrasse valor quando representasse algum aspecto da história, ou seja, da realidade, ao passo que suas características estéticas eram menosprezadas. Com a mudança de perspectiva percebe-se tanto o aspecto formal, interno, como o aspecto social – elementos da realidade representada – externo, ganharam impulso, haja vista a integridade da obra. Dessa forma, ao processo de interpretação do texto literário, o externo possibilita o que Candido (1987, p.43) citando Lima Barreto diz: “ (...) dar destaque aos problemas humanos em geral e aos sociais em particular.

Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. (CANDIDO, 2002, p.17).

A relação do fator externo e interno dentro da literatura configura o sentido da obra e sua performance. Os elementos externos que diz respeito aos fatores sociais que cerca o indivíduo, são internalizados na narrativa de forma que se configure como interno. Assim, a realidade social, dá vida a trama em forma de espaço, personagens e enredo.

O fator externo é o aspecto social, algo que ao longo da história torna-se interno pela visão do autor e pela forma com este trabalha. O texto é produto da articulação em que as dimensões sociais, históricas e políticas são entrelaçadas de forma a ganhar representação através do enredo do texto em questão.

A exemplo dos contos de Caio Fernando de Abreu, que é nosso *corpus* de análise; *Linda, uma história terrível e Dama da noite*, o autor fala sobre a sexualidade dos seus personagens, tema tabu na época, intensificado pela ditadura que censurava a manifestação de assuntos contrários a sua ideologia. Em sua narrativa, o autor dá vida aos assuntos polêmicos como homossexualidade, HIV, prostituição, desapego afetivo, entre outros. O traço social proibido de falar é internamente livre na voz das personagens; o social, elemento externo se tornou interno. Assim, conforme afirma Candido:

Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da História sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros. (CANDIDO, 2002, p.16).

A relevância do fato social dentro do contexto ficcional, é resultante dos inúmeros fatores associados ao social, como o psicológico, religioso, cultural e ideológico. São características do processo em que o sujeito está submetido e, portanto, se apoiam dentro da narrativa, intensificando o assunto central desenvolvido deixando apenas de ser uma crítica de cunho sociológico. “Veremos então, provavelmente, que os elementos de ordem social serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e a autonomia da obra (CANDIDO, 2002, p.25)”.

Um dos elementos que pode ser visto como fatores externos, e que ao longo da história literária, os autores representaram é a identidade do sujeito dentro da sociedade. Ou seja, a forma como ele é ou está em determinado momento histórico e espaço social, tendo em vista o aspecto cultural de cada época.

Assim, quando se fala da modernidade, por exemplo, há uma transformação da identidade ou uma crise dessa em função do modelo cultural em vigor.

Bauman (2005) no livro *Identidade*, o que muitos autores convencionaram chamar de pós-modernidade, para ele trata-se de modernidade líquida e suas implicações. Nessas identidades perpassam por questões que envolvem o transitório, o mutável das mesmas. Conforme Bauman:

Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolha. Muitas outras identidades não sonhadas ainda estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida. Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação (BAUMAN, 2005, p. 92).

Stuart Hall (2005), por sua vez, afirma que “(...) o sujeito assume identidades diferentes. Em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (HALL, 2005, p. 02)”.

Dessa forma as narrativas ficcionais produzidas nesse contexto tendem a mostrar o homem e seu processo identitário. Sua busca pela totalidade algo impossível, uma vez que até as relações são líquidas.

Fato que pode ser notado no nosso *corpus* de análise, já citados anteriormente, em que a exemplo do conto *a Dama da Noite* a dama narra que espera um amor para conseguir sua totalidade.

Dessa forma, esses aspectos são captados pela literatura que, interagindo nesse sentido, se constitui de forma a mostrar e manter seu valor artístico, porém pensado no social.

CAPÍTULO II

2 – A NEGATIVIDADE E A DISTORÇÃO DAS IDENTIDADES EM *LINDA, UMA HISTÓRIA TERRÍVEL E A DAMA DA NOITE*

O Conto *Linda, uma história terrível* faz parte do livro *Os Dragões não Conhecem o Paraíso* publicado em 1988, do escritor Caio Fernando de Abreu. O conto narra a visita surpresa de um filho a sua mãe, que se dá depois de muitos anos sem a ver. Ao chegar em casa se depara com a mãe já envelhecida e praticamente abandonada na sua velha casa, contando apenas com a sua fiel companheira, a cadela Linda.

O conto é marcado de grande melancolia e pessimismo, que se instaura do início ao fim. Já no início, percebe-se que a visita do filho a sua mãe, aguarda algo sombrio. Tal visita consequentemente deixa claro a relação entre os dois. Uma relação que parece enfraquecida ao longo do tempo e desgastada, o que permite perceber a decadência dos personagens e do espaço. E também mostrar uma relação um tanto “seca” existente entre os dois, fato que fica claro logo no início da narrativa, quando o narrador diz:

Abraçou-a, desajeitado. Não era um hábito, contatos, afagos. Afundou tonto, rápido, naquele cheiro conhecido — cigarro, cebola, cachorro, sabonete, creme de beleza e carne velha, sozinha há anos. Segurando-o pelas duas orelhas, como de costume, ela o beijou na testa. Depois foi puxando-o pela mão, para dentro. (ABREU, 1996, p.16)

A narrativa se desenvolve em grande parte na cozinha da casa, descrita como “seu reino”, uma informação que permite perceber a própria situação da mulher no contexto, destinada aos serviços domésticos “soberana pela cozinha”. (p.16). Nesse espaço os personagens estabelecem um diálogo que permite aos leitores conhecer quem são, e o que se passa, além de permitir que os personagens reflitam por meio de observações e conversando sobre suas vidas - mãe e filho- sobre a situação presente.

A narrativa é conduzida de forma que as emoções e os pensamentos do filho, ganhe força na medida que o leitor se depara com as reflexões feitas pelo protagonista:

A xícara amarela tinha uma nódoa escura no fundo, bordas lascadas. Ele mexeu o café, sem vontade. De repente, então, enquanto nem ele nem ela diziam nada, quis fugir. Como se volta a fita num videocassete, de costas, apanhar a mala, atravessar a sala, o corredor de entrada, ultrapassar o caminho de pedras do jardim, sair novamente para a ruazinha de casas quase todas brancas. Até algum táxi, o aeroporto, para outra cidade, longe do Passo da Guanxuma, até a outra vida de onde vinha. Anônima, sem

laços nem passado. Para sempre, para nunca mais. Até a morte de qualquer um dos dois, teve medo. E desejou. Alívio, vergonha. (ABREU, 1996, p.18)

Sua reflexão permite em trazer à tona uma situação, que naquele contexto era difícil de ser externado. Percebemos que o protagonista em nenhum momento verbalizou sua real situação, motivo até da sua visita, diante da mãe. É por meio das reflexões que ficamos sabendo do problema enfrentado pelo protagonista e a forma como ele se sente diante da sociedade.

O problema que aqui se refere é notado na descrição física do protagonista:

- Deixa eu te ver melhor-pedi.
Ajeitou os óculos. Ele baixou os olhos. No silêncio, ficou ouvindo o tique-taque do relógio da sala. Uma barata miúda riscou o branco dos azulejos atrás dela.
-Tu estás mais magro- ela observou, parecia preocupada. -Muito mais magro.
-É o cabelo- ele disse, passou a mão pela cabeça quase raspada. – E a barba, três dias.
-Perdeu cabelo meu filho.
- É a idade. Quase quarenta anos, -apagou o cigarro. Tossiu.
-Cigarro, mãe. Poluição. (ABREU,1996. p.21 - 22)

Que tenta disfarçar e pela forma como a mãe ao percebe os traços o adverte:

Levantou os olhos, pela primeira vez olhou direto nos olhos dela. Ela também olhava direto nos olhos dele. Verde desmaiado por trás das lentes dos óculos, subitamente muito atentos. Ele pensou: é agora, nesta contramão. Quase falou. Mas ela piscou primeiro. Desviou os olhos para baixo da mesa, seguiu com cuidado a cadela sarnenta e a trouxe até o colo.
-Mas vai tudo bem?
-Tudo, mãe.
-Trabalho?
Ele fez que sim. Ela acariciou as orelhas sem pelo da cadela. Depois olhou outra vez direito para ele:
-Saúde? Diz que tem umas doenças novas aí, vi na tevê. Umas pestes. Graças a Deus – ele cortou. Acendeu outro cigarro, as mãos tremiam um pouco, - E a dona Alzira firme? (ABREU.1996. p.22)

Diante desse quadro percebe a vergonha e o sentimento até de culpa que o personagem carrega. O sujeito com AIDS, naquele contexto era submetido a um processo de exclusão na época, diante da possibilidade de contágio. Tal exclusão desencadeia no sujeito a melancolia, a angústia, diante do estado de desemprego da sociedade e da própria família. Um caminho sem saída, principalmente pela falta de informação sobre o vírus, no que toca ao tratamento e principalmente pela forma de transmissão.

O conto permite ver também a preocupação dos pais, como visto na citação, diante das notícias divulgadas sobre o vírus no que se refere a década de 80, quando registrava os primeiros casos da doença. Distante das informações que se tem hoje sobre o vírus, a sociedade isolava o sujeito que apresentasse o quadro, ou suspeita.

Dessa forma, percebemos o isolamento do sujeito diante da sociedade. Percebemos um ser que está aos cacos, completamente desfigurado, decadente diante da situação. Dessa forma, a casa da mãe que também é decadente, assim como o pai “Manchas de gordura, as paredes da cozinha. A pequena janela basculante, vidro quebrado”. (1996, p.18), faz com que o protagonista entre lembranças e presente reflita sobre a finitude da vida; “E reviu o tapete gasto, antigamente púrpuro, depois apenas vermelho, mais tarde rosa cada vez mais claro - agora que cor? (1996, p.15), de como a vida não para e tudo envelhece com o tempo, tanto ele como sua mãe. Reflexão que acontece com ambos: “É sina- disse: - Tua avó morreu só. Teu avô morreu só. Teu pai morreu só, lembra? (1996, p.20)

Além disso, a narrativa também de forma indireta, destaca a marginalização do indivíduo homossexual perante a sociedade. “E o Beto? - ela perguntou de repente. E foi baixando os olhos até encaixarem, outra vez, direto nos olhos dele” (1996, p.24). A mãe demonstra perceber alguma coisa, mais ao mesmo tempo, finge em ver a relação como amizade.

A homossexualidade desde sempre tem sido motivo de debates e controvérsias, nesse período em questão, a mesma foi vista como doença e os homossexuais portadores de algum vírus. O advento da AIDS intensificou isso aumentando o preconceito com os homossexuais, tido como sinônimo da própria AIDS. Dessa forma, o protagonista se encontra ilhado, sem nenhum amparo social, em virtude da forma como era tratada aquela doença. Por conta do advento da mesma e da forma que vitimou, a sociedade ainda sem ter conhecimentos mais apurados sobre, encontrava nesse estado de medo, pavor; qualquer contato podia significar contágio.

Dessa forma, o incerto se instaura, o medo do futuro, a falta de expectativas tanto do protagonista, ou seja, de quem estava com a doença, e da sociedade em geral. O conhecimento como já dito ainda precário sobre o vírus, deixava os sujeitos vulneráveis.

Outra característica encontrada no conto são diálogos confusos e entrecortados entre a mãe e o filho, encontra-se uma realidade de fuga da realidade de cada um: “- Que, que foi?- perguntou ela lenta.(...) -Nada mãe. Não foi nada. Deu saudade, só isso, de repente, me deu tanta saudade, da senhora de tudo. Ela tirou um maço de cigarros do bolso do robe: -Me dá fogo. (...) Bonito o isqueiro. -É francês. -Que isso que tem dentro? (1996, p.19)

Isso além de reforçar sobre a relação entre mãe e filho, reforça a ideia de finitude despertado pelo problema enfrentado pelo protagonista. Melancolia, procura de alguém que pudesse o compreender e ajuda-lo diante da situação. A figura da mãe reflete isso, aquela que cuida, que compreende. Porém, não é algo fácil para ele, percebe-se que durante o conto ele não consegue externar isso a mãe. Tenta inúmeras vezes, mas sempre desconversa. Sente que não vai ser fácil. Percebe-se que a família se ver encurralada diante da situação, por que sabe do preconceito e das dificuldades enfrentadas.

Dessa forma, é possível perceber na narrativa que o amor não alcançado e o desejo reprimido, por medo do preconceito, da rejeição e até mesmo da exclusão da sociedade. Não só o medo, a própria rejeição, consumada na dor e dificuldade do abandono. Nesse conto o filho enfrenta a marginalização da sociedade, diante da homossexualidade e dos portadores do vírus HIV, sem contar, como dito anteriormente, que naquele contexto muitos viam esses dois casos com certa relação entre ambos. Fato não só daquele contexto, hoje essa visão ainda é compartilhada por muitos.

Assim, deparamos com um sujeito que se sente inútil, sem esperanças, fragilizado diante de tudo e de todos. Não é mais o mesmo, “No fundo do espelho na parede da sala de uma casa Antiga, uma cidade provinciana, localizou a sombra de um homem magro demais, cabelos quase raspados, Olhos assustados feito criança”. (1996, p.27), tanto pelos sintomas da doença que já se manifesta, como também da doença social, talvez pior, que o atinge.

O problema abordado na narrativa por Abreu, faz referência aos problemas que o Brasil na época; como o HIV, doença grave que era proibida de ser divulgada entre a população; a homossexualidade; a solidão e o abandono enfrentado pelos brasileiros, porque o país estava em decadência política e social; ainda vivia a Ditadura Militar.

De acordo com Candido, “Tanto quanto os valores, as técnicas de comunicação de que a sociedade dispõe influem na obra e, através dela, nas suas possibilidades de atuação no meio”.(p.41). Dessa forma, escritores como Caio Fernando de Abreu, utiliza dos aspectos existentes na sociedade, colocando em seu conto os grupos marginalizados, a forma como esses eram tratados, e principalmente a forma como eles se viam.

O problema enfrentado pelo protagonista do conto, foi enfrentado também pelo escritor. Caio Fernando de Abreu também foi portador de HIV vindo a falecer em 1996 aos 48 anos de idade, e era homossexual declarado. Em uma referência a sua própria situação, o autor revela por meio da ficção a realidade social, diante de agravantes como os elencados e vividos por ele. A essa técnica, que pode ser visto como uma ficção autobiográfica, Candido

chama de sociologia moderna, que analisa os tipos de relações que foi empregue na história com a vida artística.

O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina criar e devolver à realidade. (CANDIDO, 2002, p.28).

Dessa forma, é perceptível na narrativa que tanto mãe quanto filho vivem o sentimento da grande incerteza da vida, de medo e da solidão. O tema da AIDS envolvendo o protagonista ao mesmo tempo a homossexualidade é muito forte, porque a AIDS era vista como uma doença mortal, sem cura, como câncer dos dias de hoje, na década de 80. A única certeza do personagem principal é a morte, por isso a visita repentina a mãe.

2.1 A DAMA E SEUS CONFLITOS

O conto *Dama da Noite*, também publicado no livro *Os Dragões não Conhecem o Paraíso*, narra a história de uma mulher conhecida como Dama da noite, que sai em uma noite para lamentar-se da vida que não teve e não tem, bem como da sua exclusão da sociedade, por isso ela vive à margem da “roda”.

Nesse conto, estamos diante mais uma vez do retrato que o autor faz da sociedade, ao apresentar uma visão dramática do mundo moderno, tratando de temas como o sexo, o medo, a morte e, principalmente, da angústia dos sujeitos e da sua constante solidão.

A narrativa conta a história de uma mulher referida por ela mesmo como a Dama da Noite, em uma conversa com alguém que pode ser identificado com um garoto, pela forma em que ela se dirige a ele “boy”. Demonstra ser uma mulher mais velha que gosta de sair à noite. “Dama da noite, todos me chamam e nem sabem que durmo o dia inteiro. Não suporto luz, também nunca tenho nada para fazer – o quê? Umas rendas aí. É, macetes. Não dou detalhe, adianta insistir, mutreta, trambique, muamba. Já falei não adianta insistir, boy”. (1996. p.126)

A diferença de idade é reforçada pela diferença entre as gerações. A sua, tida como a geração que os jovens tinham sonhos, geração de expectativas. Uma geração de esperança. A do “boy”, a geração presente, uma geração que matou a esperança;

Aquela flor de cheiro enjoativo que só cheira de noite, sabe qual? Sabe porra: você nasceu dentro de um apartamento, vendo tevê. Não sabe nada. fora essas coisas de vídeo, performance, high-tech, punk, dark. computador, heavy-metal e o caralho. Sabia que eu até vezenquando

tenho mais pena de você e desses arrepiadinhos de preto do que de mim e daqueles meus amigos fodidos? A gente teve uma hora que parecia que ia dar certo. Ia dar, ia dar. sabe quando vai dar? Pra vocês, nem isso. A gente teve a ilusão, mas vocês chegaram depois que mataram a ilusão da gente. Tava tudo morto quando você nasceu, boy, e eu já era puta velha. Então eu tenho pena. Acho que sou melhor, sei porque peguei a coisa viva. Tá bom, desculpa, gatinho. Melhor, melhor não. Eu tive mais sorte, foi isso? Eu cheguei antes. E até me pergunto se não é sorte também estar do lado de fora dessa roda besta que roda sem fim, sem mim. No fundo, tenho nojo dela – você? (ABREU, 1996. p. 130)

Nesse diálogo em que só ela fala, ou melhor, só é narrado a sua fala, a protagonista encontra-se num estado de indagação e desabafo acerca a sua existência. Dessa forma percebemos o estado de desconforto em que a mesma se encontra, demonstrando o seu mal-estar na sociedade. Uma geração que não permite nem mesmo sonhar, por isso, ao mesmo tempo que ela se mostra triste por não fazer parte da roda, ela sente alívio por não está nela, por ser uma roda que não permite esperanças. Tudo destruído, já não tem mais sentido. Uma sociedade de medo. “Você nem beija na boca sem morrer de cagaço.” (ABREU, 1996. p.130)

Uma sociedade de identidades mutáveis, constantes mudanças na forma de ser das pessoas. Um processo de constante construção e desconstrução do ser, características da modernidade, da pós-modernidade ou da modernidade tardia. O que Bauman se ancora para afirmar:

[...] que o velho sentido da identidade se refere tanto a pessoas como a coisas. Ambas perderam sua solidez na sociedade moderna, sua definição e continuidade. A implicação é que nesse universal “desmanchar dos sólidos”, a iniciativa está com as coisas; e, como as coisas são os ornamentos simbólicos das identidades e as ferramentas dos esforços de identificação, as pessoas logo as seguem (BAUMAN, 2001, p.100).

A protagonista representa a busca que os jovens tinham para serem aceitos em meio a sociedade e para serem aceitos era preciso ter carro, trabalho e um parceiro fixo, o boy representava essa geração dos anos 80, com excesso de liberdade de informação, uma certa liberação.

As mocinhas que querem casar, os mocinhos a fim de grana para comprar um carro, os executivinhos a fim de poder e dólares, os casais de saco cheio um do outro, mas segurando umas. Estar fora da roda é não segurar nenhuma, não quer nada. Feito eu: (ABREU, 1996. p. 134)

Bauman (2001) afirma que aos indivíduos, por não possuírem o mundo inteiramente, sempre lhe falta alguma coisa, quando fazemos uma retrospectão, é isso que vamos conceber: No entanto quando olhamos para outro a distância “(...) tendemos a ver a vida dos outros

como a obra de arte. E tendo vida assim, lutamos para fazer o mesmo”. (BAUMAN, 2001, p.96)

O sentimento de procura, de querer ser igual ao outro, porque o outro parece ser melhor ou o mais adequado para se sentir completo.

Assim como em *Linda, uma história horrível*, percebe-se aqui também a preocupação e o desespero da população diante do vírus HIV. “No fundo do espelho na parede da sala de uma casa antiga, numa cidade provinciana, localizou a sombra de um homem magro demais, cabelos quase raspados, olhos assustados feitos os de uma criança”. (1996, p. 27)

Em *Dama da Noite*, fica isso fica mais intensificado, pelo fato da protagonista se referir como uma Dama da Noite:

Eu sou a dama da noite que vai te contaminar com seu perfume venenoso e mortal. Eu sou a flor carnívora e noturna que vai te entontecer e te arrastar para o fundo de seu jardim pestilento. Eu sou a dama maldita que, sem nenhuma piedade, vai te poluir com todos os líquidos, contaminar teu sangue com todos os vírus. Cuidado comigo: eu sou a dama que mata, boy. (ABREU, 1996, p. 131)

Ao fazer a reflexão da relação sociedade e literatura Candido mostra que:

Tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, idéias), que serve de veículo para conduzir a corrente criadora (nos termos de Lukács, se apenas possibilita a realização do valor estético); ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte (nos termos Lukács, se é determinante do valor estético).(CANDIDO, 2002, p.15).

Tanto nesse conto como no *Linda, uma história terrível*, percebemos o fator social como algo essencial e portador do sentido atribuído aos contos em questão.

A grande roda gigante é a imagem de uma vida que a Dama sempre sonha em ter e por não corresponder ao padrão exigido não consegue alcançar e por isso foi excluída da sociedade e pelo padrão estabelecido por essa geração.

A dama da noite representa o sujeito que diante das “rodas” existente na sociedade, diante da frustração de não pertencimento se submete a assumir outras identidades. Dessa, forma Hall afirma que a

(...) identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. E definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades

diferentes Em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (HALL, 2006, p.02).

Hall, fala da constante mudança de identidade, pela forma que somos moldados pela sociedade, fazendo que nosso sistema cultural seja definido historicamente fazendo com que surge em nos vários tipos de identidades para que sejamos aceitos dentro da sociedade. Estas quando não assumidas, são rejeitadas.

Stuart Hall (2006), ao falar sobre a identidade cultural na pós - modernidade, mostra a diferença entre a noção identitária do homem do período iluminista, tido como centro, uma vez que as respostas do mundo estavam dentro do seu próprio eu, sujeito iluminista. O sujeito “visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno” (p.12). O homem começa a questionar suas respostas, conforme sua interação com os demais e com a sociedade ao seu redor, sujeito sociológico; enfim, hoje a velocidade do mundo faz com que o indivíduo não consiga se encontrar, daí essa identidade fragmentada, deslocada e muitas vezes contraditória. (2006, p.10-12). Para Hall:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006, p. 12).

É notório esse questionamento por parte da protagonista. A mesma questiona isso o conto inteiro, deixando claro a contradição existente entre ela e o mundo que se observa. A realidade é outra, portanto a Dama de antes precisa morrer para se encontrar nesse novo mundo. Essa morte, significa perder sua identidade afim de adquirir uma identidade que seja ideal ao momento. Ou seja, não há identidade fixa.

Nesse processo ocorre a fragmentação do sujeito que deixa de possuir uma identidade unificada, mas de várias identidades, inseridas nos sistemas de significação e representação cultural.

Podemos notar nos dois contos trabalhados, a presença de personagens decadentes, vítimas de suas “opções” e de seus problemas, e principalmente como a sociedade define isso na vida dessas personagens. Assim, são vítimas de seu tempo.

Em ambas as narrativas, está presente o sentimento de não pertencimento, de exclusão, de melancólica e principalmente, a de falta de expectativas. Sentimento de solidão, de perda e fragmentação da identidade. Morte dos sonhos e a fragilidade das relações; tempo de incertezas e riscos.

São seres de uma sociedade descentralizada, portanto encontram-se deslocados por forças diferentes. Tanto o protagonista de *Linda, uma história terrível* como o de *Dama da Noite*, estão deslocados e por consequência são sucumbidos a negatividade e a distorção de suas identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer do nosso trabalho evidenciamos que a literatura e sociedade caminham juntas no que se refere identidade social do indivíduo. Considerando que a identidade é algo mutável, a literatura, na sua tarefa de representação do sujeito na sociedade, acompanha essa mutação.

Vimos que a relação entre literatura e sociedade, nos mostra os aspectos sociais que encontramos na sociedade, como o fator político, social e religioso que podem influenciar na produção de uma obra em que o escritor escreveu, pelo fato do autor usar o fator externo para escrever a história e internalizando de acordo com a sua visão de mundo, transformando em fator interno.

Podemos dizer que a relação entre literatura e sociedade deve ser abordada de forma que o valor e o significado da obra literária não sejam vistos como dependentes e, portanto, válida somente quando dela exprimir aspecto da realidade. E sim, como um conjunto, uma integridade, uma vez que a literatura, sem deixar de ser arte, tenha o seu valor social, pela relação estabelecida.

Ao analisar as interfaces entre literatura e sociedade nos contos *Linda, uma história terrível* e *Dama da Noite*, podemos perceber que o texto ficcional permite a discussão de assuntos relacionados ao contexto social em que foi produzido, como repressão da Ditadura Militar, a década de 80 e os problemas relacionados ao homossexualismo, a AIDS e a identidade do sujeito dentro da sociedade.

Tal discussão celebra o homem no seu tempo e espaço, e principalmente o que esse tempo e espaço contribue na construção ou desconstrução do sujeito e da sua identidade. Dessa forma, a imagem que temos dos personagens no contexto ficcional pode significar o reflexo do homem no seu contexto social.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando de. *Os Dragões Não Conhecem o Paraíso*. 4^a.ed.- Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista e Benedetto Vecchi*. tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed., 2005.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história da literatura*. 8^a São Paulo: T. A. Queiroz editor, 2002.

_____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz. Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.